

Os militares e a ‘Era Havelange’ na CBD

Aníbal Chaim, Mestre em Ciência

Política pelo DCP-USP

O Início da ‘Era Havelange’

Logo no primeiro ano de sua gestão à frente da CBD¹, 1958, João Havelange viu a seleção brasileira de futebol conquistar seu primeiro campeonato mundial na Suécia, e quatro anos depois repetir o feito no Chile.

Em virtude do bicampeonato mundial e principalmente pela existência do astro Pelé, a Seleção brasileira passou a ser frequentemente requisitada para excursionar por diversos países do mundo. O futebol brasileiro se tornou algo como um “instrumento diplomático” do qual tanto Havelange quanto o governo faziam uso. Havelange era o homem que decidia e organizava os compromissos pertinentes à Seleção brasileira de futebol, buscando os entendimentos necessários com os clubes brasileiros que fossem donos do passe dos jogadores selecionados. Sem fazer distinção entre solicitantes, o dirigente levava a Seleção brasileira e sua estrela maior, Pelé, para jogar em diversos lugares do mundo, inclusive em muitos dos países africanos.

Entre os ‘atos de diplomacia’ levados a cabo por Havelange, podem ser destacados a instituição dos Jogos Luso-brasileiros, realizados pela primeira vez² em 1960; a excursão ao Chile com o presidente João Goulart para entregar uma placa de bronze de agradecimento ao governo chileno, em nome de todos os atletas que participaram da Copa lá realizada³ no ano anterior. Além dessas duas, em 1968 foi o responsável pela organização do ‘Jogo da Rainha’, em homenagem à Rainha Elisabeth da Inglaterra, que opôs a Seleção brasileira e o combinado do ‘Resto do Mundo’⁴. No início do ano de

¹ Confederação Brasileira de Desportos, era a entidade administrativa máxima do desporto brasileiro. Seu papel era semelhante ao da CBF nos dias de hoje.

² Por ocasião destes jogos, Havelange foi inclusive condecorado pelo presidente da República Portuguesa à época com o grande oficialato da Ordem de Instrução Pública. Cf. *Folha de São Paulo*. Sexta-feira, 19/08/1960. Segundo Caderno, página 9.

³ Cf. *Folha de São Paulo*. Sexta-feira, 26 de abril de 1963. Primeiro caderno, página 46.

⁴ Cf. *A Gazeta Esportiva*, 03/08/1968. pg. 7.

1969, intermediou a ida do Santos de Pelé a oito partidas amistosas em cinco diferentes países africanos: Congo, Nigéria, Moçambique, Gana e Argélia⁵.

A disposição em levar o “espetáculo futebolístico brasileiro” a todo o mundo rendeu ao chefe da CBD o reconhecimento e o estreitamento de laços com importantes figuras nacionais e internacionais do campo esportivo e do campo político. Com o passar dos anos, conseguiu se colocar entre os dirigentes esportivos de maior destaque no mundo.

Ao mesmo tempo em que no campo da diplomacia a eficiência do dirigente transbordava, no campo administrativo ela deixava a desejar⁶: após mais de dez anos de gestão, a CBD ainda estava em uma situação financeira bastante delicada⁷.

Não há registros a respeito, mas o fato de não ter conseguido estabilizar financeiramente a CBD após mais de uma década de gestão deve ter sido motivo de grande frustração para Havelange, pois este dirigente demonstrava ter plena consciência da capacidade política da qual era dotado o futebol. Ele podia percebê-la – e mesmo exercê-la – pela forma como o esporte era utilizado mundo afora para produzir a paz e a confraternização, sendo alguns times brasileiros e mesmo a seleção nacional por vezes instrumento para isto.

Nesse ínterim, é pertinente mencionar os efeitos políticos de alguns eventos esportivos promovidos por Havelange. Diz-se, por exemplo, que quando o Santos FC foi jogar no Congo Belga, houve uma trégua no conflito armado que estava em curso:

Não era interessante para os países terem combates enquanto o Santos estava lá, e a guerra foi paralisada por alguns dias.⁸

Outra demonstração da capacidade pacificadora do futebol presenciada por Havelange ocorreu na ocasião que Seleção brasileira foi jogar em Moçambique por ocasião da

⁵ Cf. <http://acervosantosfc.blogspot.com.br/2011/09/o-dia-que-o-santos-parou-uma-guerra.html>

⁶ A vulnerabilidade financeira da CBD já era conhecida por Havelange antes mesmo de sua entrada na direção da entidade. Em *Folha da Manhã*. Sábado, 05/10/1957, Havelange afirmou: “O problema vital da CBD é a falta de recursos financeiros”.

⁷ A CBD tinha uma dívida de Cr\$ 18 milhões com a Federação Paulista de Futebol e estava fazendo uma nova solicitação de mais Cr\$ 30 milhões por empréstimo. Cf. *A Gazeta Esportiva*, 07/02/1969. pg. 5.

⁸ Fala de Guilherme Nascimento, historiador do Santos FC, em reportagem ao Lance. Informações coletadas de http://www.lancenet.com.br/santos/decada-Santos-parou-guerras-Africa_0_677932201.html, em 14/05/2013.

inauguração do Estádio Salazar⁹. O jogo entre a seleção portuguesa¹⁰ e a seleção brasileira aconteceu no período reconhecido como o de lutas pela independência da colônia contra sua metrópole. A cerimônia de inauguração do Estádio Salazar fez com que fosse lotado o estádio moçambicano, mesmo diante do fato de este evento estar ocorrendo durante o período de conflitos para a independência do país, e envolver referências cívicas exclusivamente a Portugal, a metrópole.¹¹

O acontecimento de eventos em que a seleção brasileira ia dar espetáculo para países em situação de tensão política era recorrente neste período. Um mês depois da referida partida em Moçambique, Havelange demonstrou ter consciência do peso político do futebol quando declarou:

Só se reúnem 200 mil pessoas num comício de protesto ou num estádio onde se joga uma partida de futebol. É preferível reuni-las num estádio. Eis porque acho que os governos, de todas as partes do mundo, deveriam dar maior amparo ao futebol.¹²

Essa declaração não poderia ter vindo em momento mais oportuno, pois em Julho de 1968, o Brasil vivia seu momento político mais turbulento desde o Golpe de 1964. O Movimento Estudantil promovia sucessivas manifestações para externar seu descontentamento com os caminhos políticos tomados pelo país sob o governo militar; no dia 26 de Junho de 1968, aconteceu no Rio de Janeiro o ápice do movimento de oposição ao governo militar durante a década de 1960: a Passeata dos Cem Mil. Diante dessa sequência de acontecimentos, parte dos militares percebia que sua estabilidade no poder estava em risco. Parte dos oposicionistas havia se armado e produzia atentados e assaltos a bancos. A própria coalizão na qual se apoiava o presidente Costa e Silva aparentava sinais de desgaste.

Conforme a tensão pelas ruas do país crescia, Costa e Silva viu-se obrigado conter a agitação popular de alguma forma, e para isso promoveu, por exemplo, sucessivas prisões de estudantes que lideravam o movimento contra o governo militar. No mês de

⁹ O estádio foi batizado com o nome do ditador português em sua inauguração. Atualmente ele é chamado de Estádio da Machava.

¹⁰ Neste período Moçambique ainda era oficialmente uma colônia portuguesa. Portugal jogou esta partida como mandante.

¹¹ Cf. *Folha de São Paulo*, 28/06/1968. Ilustrada, página 8.

¹² Fala de João Havelange, o então presidente da CBD, reportada por *A Gazeta Esportiva*, 31/07/1968, p.8. Grifos nossos.

Outubro, durante o Congresso da União Nacional dos Estudantes¹³ (UNE) em Ibiúna-SP, policiais prenderam cerca de 400 estudantes, oriundos de diversos lugares do Brasil.

O aumento da repressão pelos militares acompanhava o processo de intensificação da mobilização popular com greves, passeatas, contestações ao governo e até atos de guerrilha, como o sequestro de embaixadores ou políticos estrangeiros. A tensão nas ruas crescia proporcionalmente à pressão dos militares mais radicais sobre Costa e Silva por alguma iniciativa.

Em meio a este cenário efervescente, aquela declaração de João Havelange poderia ser colocada como um aviso para o então presidente Costa e Silva: é preferível colocar as cem mil pessoas (ou 200 mil, conforme a declaração de Havelange) dentro de um estádio de futebol do que tê-las na 'Passeata dos Cem Mil' protestando contra o governo. O aviso foi dado por quem conhecia do assunto.¹⁴

Antes que a tensão política chegasse a níveis insustentáveis, o presidente Costa e Silva chamou Havelange e Paulo Machado de Carvalho – presidente e vice-presidente da CBD, respectivamente – para conversar.

Esta conversa aconteceu em Brasília, e reuniu os homens mais poderosos tanto do campo esportivo quanto do campo político do país. De um lado estavam presentes João Havelange, presidente da CBD, Paulo Machado de Carvalho, o vice-presidente da CBD, o brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente do Conselho Nacional de Desportos e o deputado Paulo Planet Buarque, influente conselheiro do São Paulo FC. Do outro, os ministros Tarso Dutra¹⁵ e Rondon Pacheco¹⁶, Daniel Krieger, o então presidente da

¹³ Esta união de estudantes já havia sido relegada à clandestinidade pelos militares desde 1965.

¹⁴ Cf. *A Gazeta Esportiva*, 31/07/1968. pg. 8.

¹⁵ Tarso Dutra assumiu o Ministério da Educação em 1967 durante o governo Costa e Silva. Implementou o Mobral (programa de alfabetização de adultos) e assinou o polêmico acordo entre MEC e Usaid. Integrou a comissão responsável pela redação final do texto do AI-5. Após a saída de Costa e Silva do poder foi substituído por Jarbas Passarinho. Dados biográficos retirados de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/personas/tarsoDutra.html> em 14/05/2013.

¹⁶ Rondon Pacheco, juntamente com Tarso Dutra também foi responsável pela redação do AI-5. Considerado como moderado (castellista) entre os militares, retirou os pontos mais duros da primeira proposta do AI-5 como o fechamento do Congresso e do Supremo Tribunal Federal. Posteriormente foi indicado por Médici à presidência da Arena. Informações de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/hotsites/ai5/personas/rondonPacheco.html>, em 14/05/2013.

ARENA e líder do governo, e Costa e Silva, o ‘chefe da Nação’, além de assessores de diversos ministérios.¹⁷

Nesta reunião, o presidente da República externou sua preocupação com o bom andamento do esporte brasileiro e especificamente com o desempenho da representação nacional na Copa do Mundo de 1970:

Eu acho, realmente, que o Brasil não pode perder este campeonato [a Copa de 1970]. Temos que dar um jeito, de qualquer forma [...] ¹⁸”. “Em 1970 o Brasil estará disputando a taça do mundo. Como presidente, gostaria que o povo brasileiro, ainda na minha gestão, festejasse a conquista. ¹⁹” “Precisamos combinar bem tudo isso, pois afinal de contas em 1970 eu ainda estarei no governo e não vou gostar nada de ter perdido esse campeonato ²⁰”.

As demandas feitas por Costa e Silva durante este encontro confirmaram todas as expectativas da CBD em relação ao fato de ser uma necessidade política (para Costa e Silva e para o governo militar) o sucesso da Seleção brasileira de futebol no torneio que estava por vir. Perante o apelo e as exigências feitas pelo presidente da República diante das figuras mais importantes da política brasileira daquele momento, Havelange imediatamente colocou-se à disposição.

Tendo em mente as dificuldades econômicas vividas durante seus mais de dez anos como presidente da CBD, o dirigente pediu que ‘Costa’ contribuísse com o esporte brasileiro, representado majoritariamente pela instituição da qual era presidente. Para funcionar melhor, a CBD precisaria de mais recursos, cuja injeção dependia essencialmente dos esforços do presidente do país. Costa e Silva imediatamente concordou em financiar o esporte brasileiro²¹, e assim foi feito um primeiro acordo entre as figuras mais poderosas do campo político e do campo esportivo brasileiro, respectivamente.

¹⁷ Cf. *A Gazeta Esportiva*, 05/12/1968, página 8.

¹⁸ *A Gazeta Esportiva*, 04/12/1968, página 7. Fala de Costa e Silva publicada no jornal.

¹⁹ *A Gazeta Esportiva*, 05/12/1968, pg. 8. Outro trecho da fala de Costa e Silva. Grifos nossos.

²⁰ *Folha de São Paulo*, 04/12/1968. 1º Caderno, página 15. Fala de Costa e Silva a João Havelange e outros representantes do esporte brasileiro. Grifos nossos.

²¹ A contribuição do presidente da Nação seria, na verdade, a aceleração dos processos burocráticos para a implementação da Loteria Esportiva, de cujas apostas saíam os recursos para a CBD.

Na união entre Costa e Silva e João Havelange, um possuía o objeto de maior desejo do outro: ‘Costa’ possuía o poder político de financiar e apoiar os antigos projetos esportivos e conseqüentemente as pretensões pessoais e políticas de Havelange; Havelange era o único dirigente com poder e capacidade para movimentar o campo esportivo da forma que fosse mais conveniente para gerar apoio e sustentação política para Costa e Silva.

Uma semana depois da conversa com estes dirigentes esportivos, a petição para processar Moreira Alves – o deputado que havia apupado publicamente a reputação das Forças Armadas – foi negada pela Câmara dos Deputados. Os militares não aceitaram essa eloquente derrota, e no mesmo dia Costa e Silva decretou o AI-5.

AI-5: o divisor de águas na política esportiva

O AI-5 foi um grande marco político para a política brasileira. Foi também um divisor de águas no que se refere ao grau de interpenetração entre o campo político e o campo esportivo no país: foi justamente a partir deste momento que o campo esportivo passou a estar sob a intervenção do campo político.

O esporte – notadamente o futebol – passou a possuir o papel de agente do fortalecimento da identificação civil dos cidadãos brasileiros com a Nação, e conseqüentemente com os governantes militares vinculados à ARENA, que foram os que arquitetaram o plano para o campo esportivo e eram os que pretendiam colher os frutos políticos gerados pelo incentivo ao esporte.

Em 30 de Setembro de 1969, Costa e Silva abandonou o cargo de presidente por motivo de doença²². Seu sucessor, Emílio Garrastazu Médici, ingressou na Presidência da República em 30 de Outubro de 1969.

O novo presidente da República assumiria o cargo em meio a todo o planejamento esportivo que vinha sendo conduzido por Costa e Silva. Dez dias antes de sua posse²³,

²² Cf. *A Gazeta Esportiva* 01/09/1969. Capa.

²³ Cf. *A Gazeta Esportiva*, 21/10/1969. pg. 5.

por ocasião de um jogo entre Grêmio²⁴ x Botafogo, o futuro presidente se reuniu com João Havelange e os dois conversaram longamente durante o prélio. Portanto, antes mesmo que fosse oficialmente empossado, Médici já havia restabelecido a conexão com o presidente da CBD, que havia sido construída por seu antecessor. Era do total interesse da presidência da República que o futebol nacional operasse da forma mais eficiente possível.

A Copa de 1970 foi a cereja do bolo no planejamento que Médici e seus aliados haviam feito para a administração. Se a ideia a ser seguida era a de legitimar politicamente o estado de exceção por meio das demonstrações de progresso e de sucesso do país, a conquista do tricampeonato mundial de futebol pelo país não poderia ter vindo em hora melhor.

Médici promoveu, desde seu ingresso na presidência, uma aproximação tanto dos administradores do esporte brasileiro quanto dos jogadores de sua seleção; o presidente se esforçou para atrelar sua imagem à seleção de futebol, e houve um esforço midiático – forçado ou não pelo governo – em enaltecer a importância do torneio mundial que estava por vir. Ao mesmo tempo, o governo também se preocupava em fixar a importância do nacionalismo e do amor à pátria não só em suas campanhas publicitárias, mas também nos eventos cívicos como a comemoração da independência do país, ou da proclamação da república. E a seleção brasileira ficou incumbida de representar este nacionalismo.

Como se sabe, o investimento publicitário e financeiro realizado pelo governo sobre a seleção de futebol trouxe retornos incalculáveis: antes mesmo que o presidente pudesse tomar qualquer iniciativa no sentido de capitalizar politicamente o tricampeonato, o povo já havia saído às ruas gritando “Brasil! Brasil!”.

A Copa de 1970 completou um serviço que nem 100 anos de publicidade oficial maciça poderiam ter feito: a conquista da Taça Jules Rimet fez com que o ‘orgulho de ser brasileiro’ e o nacionalismo – elemento tão caro a governos autocráticos – emanassem espontaneamente dos espíritos populares embriagados de orgulho com o ‘Brasil’, o

²⁴ O Grêmio Foot-Ball Porto-alegrense era o clube do presidente Médici até que ele assumisse a presidência da República.

único tricampeão mundial. A imagem do ‘Brasil Grande’ não precisaria ser construída pela publicidade; ela já era um fato consumado, público, acessível a quem quisesse ver.

Se o tricampeonato mundial de futebol, associado à publicidade dada aos sucessos do país no campo da economia, fez estourar a sensação de que o país passava por um momento de ‘magia’, então o esporte deveria ser um dos instrumentos mais caros à tarefa da integração nacional, um projeto político dos militares.

A partir daí, cabia a Havelange implementar uma rotina esportiva que abrangesse a todo o país, chegando com a maior intensidade possível ao maior número de lugares possível. As duas principais medidas implementadas por ele no sentido de usar o futebol para promover a integração nacional – e consequentemente prolongar o efeito de catarse gerado pela conquista de 1970 – foram a ampliação do Campeonato Nacional e a organização da Taça da Independência²⁵. Ambos os eventos se utilizariam dos grandes estádios que foram construídos país adentro (principalmente nas regiões Norte e Nordeste) para sediar grandes eventos futebolísticos. O dirigente foi o responsável pela organização dos espetáculos esportivos – que eram financiados pelo Estado *via* Loteria Esportiva – cujo propósito era deleitar as almas populares.

Uma vez que o campo esportivo convertera-se em um suporte político do regime, tornou-se alvo de investimentos cada vez maiores. A progressão destes investimentos pode ser medida pela quantidade de clubes participantes no Campeonato Nacional de Futebol: em 1971 ele foi disputado por 20 clubes; em 1973 esse número chegou a 40, sendo que neste último torneio o governo havia financiado mais de quinhentas viagens de clubes pelo país.

João Havelange aproveitou a onda esportiva-nacionalista criada e estimulada pelo governo para fazer sua carreira decolar. A Taça da Independência, promovida em 1972 por este dirigente, certamente fortaleceu o suporte político obtido pelo governo por meio do esporte. Entretanto, o foco do dirigente com este torneio era outro: estabelecer contatos com os presidentes de federações internacionais, com direito a voto no Congresso da FIFA.

²⁵ A Taça da Independência foi planejada para ser um torneio de seleções nacionais semelhante à Copa do Mundo, algo como uma ‘Mini Copa’. Foi realizada em 1972 em comemoração ao aniversário de 150 anos da Independência do Brasil.

Tanto os gastos vultuosos com a organização deste torneio, que redundaram num estrondoso prejuízo para a CBD²⁶, quanto as mal-remuneradas excursões²⁷ da seleção brasileira e/ou de seu astro maior, o Rei Pelé, para diversos lugares do mundo visavam à obtenção de prestígio político. Cada passagem da seleção poderia render um voto a mais para Havelange nas eleições da FIFA, programadas para 1974.

Havelange cumpriu durante o período posterior à edição do AI-5 uma função diferente da que cumpria até então à frente da CBD. Sua missão primeira era a de conciliar os diversos interesses dos que dominavam o campo esportivo em cada região ou estado do Brasil, ou seja: agregar e agradar interesses locais.

Após o acordo com Costa e Silva, Havelange passou a exercer uma função técnica: tornou-se o responsável por colocar em prática os planos esportivos elaborados pelo governo militar, cuja intenção era produzir, *via* esporte, apoio político junto à população.

Tanto a função política de agregar interesses locais quanto a função técnica de executar os planos esportivos do governo militar foram cumpridos com sucesso pelo presidente da CBD. Caso ele não tivesse a intenção, ou simplesmente não tivesse conseguido ser eleito à presidência da FIFA, provavelmente teria sido *in persona* o presidente da principal entidade esportiva do país por mais algumas décadas.

O fato é que houve um momento em que suas ambições pessoais entraram em colisão com as ambições do governo. Este momento se deu em 1974, quando importantes mudanças aconteceriam simultaneamente nos dois campos²⁸. O Brasil perdeu a Copa, e com ela, foram-se boa parte dos sonhos e esperanças de progresso que haviam sido fixadas insistentemente pela propaganda oficial durante o período do milagre econômico.

Havelange, seus colegas e funcionários da CBD foram duramente cobrados após o insucesso na Copa. Abílio de Almeida, um dos principais auxiliares de Havelange no

²⁶ Quando Havelange saiu da presidência da CBD, em 1975, a entidade tinha uma dívida de Cr\$ 13 milhões, e boa parte era decorrente da Taça da Independência. Cf. *Folha de São Paulo*, 08/01/1979. Esporte, página 4.

²⁷ Durante a campanha de Havelange para a FIFA, o valor pago à CBD por amistoso caía de US\$ 50 mil para US\$ 30 mil. Cf. *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial: 'Era Havelange'. Página 3.

²⁸ A saber: campo esportivo e campo político.

período, pediu demissão da entidade antes mesmo que Ney Braga, o Ministro de Educação e Cultura – representante do governo –, interviesse na entidade.

Com a derrota na Copa em Julho e nas urnas em Novembro, o governo militar ficou em uma situação delicada, e já não poderia correr o risco de ser desacatado – como Havelange havia feito, por exemplo, ao defender a China comunista²⁹ – pelo comandante do campo do qual retirara a maior parte do suporte político popular nos últimos quatro anos.

Foi por esta razão que, no início de 1975, o almirante Heleno Nunes foi nomeado para a sucessão de Havelange. Heleno era irmão de Adalberto Nunes, o militar que havia sido responsável pela investigação da vida de Havelange ao longo do período ‘revolucionário’³⁰.

Conclusão

Para superar a turbulência política vivida em 1968, o governo militar utilizou o futebol como base para legitimação para seu poder, principalmente por meio da construção midiática da associação entre desenvolvimento econômico e sucessos esportivos. Após a conquista do ‘Tri’, houve um rigoroso esforço do governo no sentido de prolongar pelo maior tempo possível o estado de ‘êxtase’ vivido pela população em decorrência do triunfo esportivo em terras mexicanas.

A agência de Havelange foi de fundamental importância para a execução do projeto de capitalização política do esporte que os militares traçaram para o futebol brasileiro. Ele foi o maior responsável pela moldagem do campo esportivo nacional às demandas dos governantes. A ampliação do Campeonato Brasileiro, a instituição e difusão da Loteria Esportiva e mesmo a Taça Independência são acontecimentos cuja realização pode ser creditada aos esforços e contatos buscados pelo presidente da CBD.

²⁹ No dia da Assembleia para escolha do novo presidente da FIFA, Havelange colocou-se a favor do reingresso da China na entidade, contrariando as ordens enviadas a ele pelos militares brasileiros. Cf. *Folha de São Paulo*, 08/06/1998. Caderno Especial: ‘Era Havelange’. Página 8.

³⁰ Cf. *Folha de São Paulo*, 07/11/1999. Caderno Especial “A Criação de Pelé – as jogadas extracampo do atleta do século”, página 2.

O comando do desporto brasileiro não era, entretanto, suficiente para satisfazer às pretensões políticas desse dirigente. Visando ao comando do futebol em nível mundial (via FIFA), Havelange acabou entrando em rota de colisão com o planejamento esportivo dos militares brasileiros, os responsáveis por grande parte do financiamento da campanha deste dirigente para o comando da FIFA. O desencontro dos objetivos das duas partes acabou fazendo com que os representantes das Forças Armadas o destituíssem do cargo, colocando em seu lugar um homem – militar – da total confiança do regime.

Sites consultados:

<http://acervosantosfc.blogspot.com.br/>

<http://www.lancenet.com.br/>

<http://www1.folha.uol.com.br/>

Jornais consultados:

Folha da Manhã

Folha de São Paulo

A Gazeta Esportiva

Bibliografia consultada:

CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2001

CRUZ, Sebastião C. Velasco E.; MARTINS, Carlos Estevam. *De Castello a Figueiredo: uma incursão na pré-história da 'abertura'*. In *Sociedade e Política no Brasil pós-64*, organizado por Bernardo Sorj e Maria Hermínia Tavares de Almeida. Editora Brasiliense, 1984. P. 16.

- FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo: Editora PUC-SP, 2010.
- GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GASPARI, Elio. *A Ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GRINBERG, Lúcia. *Partido Político ou Bode Expiatório – Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009. Capítulo 3, p. 95.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*
- KINZO, Maria D’Alva Gil. *Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB 1966-1979*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1988. P. 16.
- MÁXIMO, João. *Memórias do futebol brasileiro*. Estudos avançados, vol.13, no.37, São Paulo. Sept./Dec. 1999
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da Paixão: visitando as torcidas jovens cariocas*. São Paulo, Annablume, 2003
- TOLEDO, *Lógicas do Futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese de Doutorado, disponível online em <http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/115801> .